

# **LEITURAS DISSONANTES ACERCA DE ALUNOS EM SITUAÇÃO DE FRACASSO ESCOLAR: AS ARMADILHAS DA MEDICALIZAÇÃO**

Daniele Aparecida Biondo Estanislau<sup>1</sup>  
Mônica Menezes da Costa Stefani<sup>2</sup>

**Resumo:** Fundamentadas na perspectiva histórico-cultural realizamos uma pesquisa de campo com aluno de 4º ano (com 13 anos) em situação de fracasso escolar, medicalizado, para compreender os modos de elaboração da escrita pelo sujeito. As análises permitem afirmar que, ainda que em contexto adverso, o sujeito apropria-se da leitura/escrita quando realizado um trabalho intencional de modo sistematizado.

## **Introdução**

O presente texto articula duas pesquisas de mestrado vinculadas a um projeto financiado pelo CNPq - Processo nº 401404/2016-1, que busca compreender aspectos relativos ao trabalho a favor da formação de leitores na escola básica e ao grupo de pesquisas ALLE-AULA (Alfabetização, Leitura e Escrita-Trabalho Docente na Formação Inicial de Professores) da Unicamp.

Nos limites deste texto problematizaremos os modos como Pedro<sup>3</sup>, um sujeito de 13 anos, matriculado no 4º ano do Ensino Fundamental, com histórico de fracasso escolar e diagnosticado com patologias elabora a escrita pela mediação da pesquisadora. Nossa objetivo será discutir as práticas de alfabetização no contexto do fracasso escolar e da medicalização infantil. É na prática cotidiana que se evidencia as reais razões do fracasso escolar das crianças advindas da camada social mais pobre, e é também onde se decide entre se acomodar na condição do fracasso ou buscar caminhos para ensinar a criança a ler e a escrever mesmo diante desta condição.

Assumimos nessa discussão a perspectiva histórico-cultural de desenvolvimento humano, elaborada por Vygotsky (2000) e a perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin (1999; 2003), por convergirem na discussão acerca dos processos de constituição humana e produção de sentidos no âmbito da constituição histórico-cultural dos sujeitos, pela mediação da linguagem.

Os dados foram produzidos no contexto da pesquisa de mestrado de uma das pesquisadoras, são eles documentos escritos tais como o planejamento das atividades propostas e realizadas pelo sujeito e diário de campo da pesquisadora contendo observações produzidas nos momentos de mediação com o jovem aluno.

## **Uma breve visita ao cenário histórico do fracasso escolar e da medicalização infantil**

Pensar em Educação é pensar em políticas públicas em dissonância ao que é oferecido aos alunos da Educação Básica em todo o Brasil. Ao mencionar a educação oferecida às nossas crianças, nos remetemos a um dos temas mais abordado nas salas dos professores de todas as escolas, sejam elas públicas ou particulares, o Fracasso Escolar!

Todos os dias crianças de todas as séries são encaminhadas à especialistas que tem por finalidade diagnosticar, tratar e dar novos rumos à educação daquelas crianças que a escola básica não deu conta de ensinar. Temos um movimento histórico e uma trajetória da Educação

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia, especialista em Neuropsicologia, Mestranda em Educação Escolar pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: [danieleestanislau@gmail.com](mailto:danieleestanislau@gmail.com).

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia, especialista em Psicopedagogia, Mestranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas.

<sup>3</sup> Nome fictício para preservar a identidade do jovem.

brasileira marcada pelo extremismo, que nos deixa como herança uma Pedagogia Liberal burguesa pautada nos princípios da Escola Nova, que pintou o método tradicional como um método pré-científico, como um método dogmático e como um método medieval” (SAVIANI, 2006, p. 42.). Em pesquisa realizada pela professora Maria do Rosário Longo Mortatti (2011), constatou-se que, desde a proclamação da república, onde se iniciou o processo sistemático de escolarização das práticas de leitura e escrita, há uma recorrência discursiva na necessidade de combater o que é tradicional e antigo como a causa dos males do presente e de fundamentar um “novo” estudo. Desde então, o que se observa é que a discussão sobre alfabetização é sempre uma discussão de projetos para nação.

Por conta de todo o movimento político e interesses sociais que assombram a história brasileira, atualmente a escola tem outra vertente a que olhar. Delega-se hoje a outros profissionais, que surgem para reafirmar que o problema não está na escola, mas sim na criança que não aprende, a alfabetização mal resolvida, a aprendizagem que não aconteceu há décadas! Dentre Esses profissionais estão os psicopedagogos que atuam na necessidade de diagnosticar as crianças que não aprendem. Vale mencionar que momento algum está se afirmando que problemas cognitivos não existam. Sim, eles existem! Mas tal como nos apresenta Collares e Moysés (2011), aqui estamos nos referindo às centenas de crianças que estão matriculadas nas escolas regulares de todo país e que são classificadas com problemas biológicos como explicação para sua “não aprendizagem”. Estamos debatendo o uso de drogas psicotrópicas por pessoas saudáveis como forma de melhorar o desempenho cognitivo, pois a verdade é que entre tantas crianças, fruto de um sistema falho educacional, como ter certeza sobre um problema cognitivo ou uma criança mal alfabetizada?

Com o passar dos anos as dificuldades de aprendizagem, que deveriam ser classificadas somente com termos pedagógicos tornaram-se doença. Nossas crianças passaram a ser medicadas com famosos medicamentos a base de metilfenidato, que tem por objetivo promover a atenção das crianças, jovens e adultos que não apresentam uma aprendizagem satisfatória.

Indicados para o tratamento de TDAH e Dislexia, essas drogas socialmente aceitas são utilizadas como um bálsamo a tranquilizar a sociedade, já que a escola por si só não deu conta de alfabetizar nossas crianças. É difícil não constatar que estamos diante de uma epidemia de problemas tidos como cognitivos, mas de explicação cultural, que a sociedade está tentando solucionar com medicamentos que deveriam ser usados somente por pessoas com problemas reais, que de verdade necessitam. Temos uma sociedade repleta de pessoas absolutamente normais, até serem diagnosticadas e rotuladas, para então passar a ocupar os espaços de discursos e de ações que deveriam ser destinados ao acolhimento e atendimento daqueles que realmente tem problemas, como afirmam Collares e Moysés (2011). As autoras mencionam ainda que nesse emaranhado, até mesmo os recursos públicos, que já são escassos, tornam objetos de cobiça dos que “*inventaram e reinventaram as doenças do não-aprender e do comportamento*”, pois a sociedade elevou as dificuldades de aprendizagem ao padrão das doenças neurológicas, como se a leitura e escrita fossem características inatas. Mas será que existe possibilidade de aprendizagem para os alunos que fracassaram?

### **O menino que fracassa pode aprender a “ver”? A produção de sentido e a escrita mediada na sala de aula**

(...) Quando João chegou em casa, foi logo falar com  
o pai:

– Papai, o que está acontecendo? Cada vez que eu  
vou pra a escola pintam nas placas, nos livros, nos

*pacotes, nas paredes, as letras que eu estou aprendendo.*

*O pai de João explicou:*

*– É que você está aprendendo a ver, João.*

*– Mas eu já sei ver, papai, desde que eu era pequenininho.*

*– Não meu filho, você agora está aprendendo a ver o que você está aprendendo a ler. Entendeu?*

(Fragmento do livro “O menino que aprendeu a ver”

– Ruth Rocha)

Pedro<sup>4</sup>, o jovem apresentado nesta pesquisa, já repetiu de ano várias vezes, que mesmo com um histórico de fracasso, evidencia já nos primeiros dias de aula a vontade por se apropriar da leitura e da escrita. Ao ser questionado pela professora sobre a falta de registros em suas atividades, responde da seguinte maneira: “*não fiz porque não sei escrever com essas letras aqui*” - apontando para a letra de forma minúscula do material didático - “*eu só sei escrever o que você escrever lá*” - apontando a lousa.

A enunciação descrita nos remete à como a tarefa “suplanta ou apaga a relação de ensino, evidencia-se, então, a luta de poder: sem entender “do que se trata afinal”, e sendo cobradas pelo que não entendem, as crianças desenvolvem esquemas e buscam estratégias de sobrevivência no sistema.” (SMOLKA, 2012, p. 47)

Seria então, a cópia da lousa, a cópia do amigo, a reprodução de algo já pronto, a estratégia encontrada por Pedro como sobrevivência nos anos anteriores? Ao perceber tal situação, a professora provoca o aluno “*mas você quer aprender a ler e a escrever todas essas letras ai?*” e a criança sinaliza positivamente com a cabeça.

O João da história de Ruth Rocha representa as milhares de crianças que são curiosas em compreender como que os sinais que as rodeiam dizem coisas, produzem sentidos, assim como esse sentimento também suscita em Pedro que, mesmo com um histórico de fracasso, não desistiu de aprender a “ver”.

Pensar a alfabetização na perspectiva sócio histórica e dialógica é entender que “a criança não nasce em um mundo “natural”, ela nasce em um mundo humano. Começa sua vida em meio a objetos e fenômenos criados pelas gerações que a precederam e vai se apropriando deles conforme se relaciona socialmente e participa das atividades e práticas culturais” (Vygotsky apud Fontana e Cruz 1997, p. 57), portanto a criança tem com o mundo uma relação mediada pelo outro e pela linguagem desde seu nascimento. Dessa forma, podemos afirmar que desde os primeiros dias de vida da criança, o entendimento do mundo e dos significados, entra em processo de elaboração a partir das ações humanas.

Na escola, as relações com a escrita se modificam, tornam-se intencionais e planejadas. Durante o processo de alfabetização, a criança estabelece uma nova relação cognitiva com o mundo e com seus próprios pensamentos, pois o professor que faz junto, que demonstra, fornece pistas, instrui e dá assistência, contribui para os processos de elaborações e de desenvolvimento que não ocorrem espontaneamente, a criança passa por um processo de alfabetização para se apropriar da linguagem escrita mediada pela ação do outro. (FONTANA e CRUZ 1997)

<sup>4</sup> Aluno da pesquisadora Daniele, observado durante um bimestre. Foram analisados documentos escritos tais como o planejamento das atividades propostas e realizadas pelo sujeito e diário de campo da pesquisadora contendo observações produzidas nos momentos de mediação com o jovem aluno.

Ao assumir uma prática pedagógica em consonância com os pressupostos apresentados acerca da alfabetização, a importância da mediação evidencia-se em vários momentos, como podemos observar na seguinte situação:

*Aula de Língua Portuguesa, os alunos elencaram o tema Mitologia Grega para as elaborações textuais que culminará em livro no último bimestre do ano letivo. Após uma longa pesquisa e leituras sobre a temática, cada criança deveria registrar suas descobertas evidenciando aspectos mais relevantes em suas produções. Após alguns minutos, circulo pela sala e observo que o caderno de Pedro continua em branco, ofereço ajuda, sento ao seu lado, e pergunto o que ele pensa em escrever, ele me diz “quero escrever que a Esfinge é meio pessoa, meio águia e meio leão, se não acertar os enigmas ela devora com uma mordida”.*

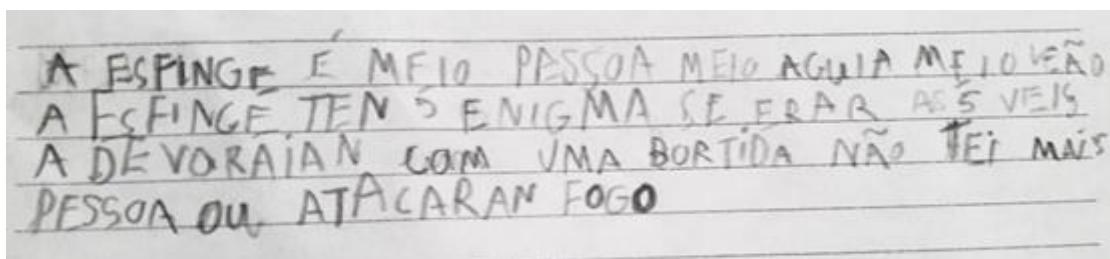


Figura 1- produção escrita de Pedro (registro coletado em atividade escolar)

O jovem registra sua ideia com a mediação da professora, comete erros, mas se permite experimentar na prática de escrita, tenta registrar algumas palavras dando continuidade ao raciocínio, recua ao realizar a leitura, no entanto, seu registro é coerente com o contexto da aula demonstrando ter vivenciado com a turma o processo de pesquisa e leitura, evidenciando que mesmo as primeiras fases da aquisição da linguagem são orientadas pelo contexto. (BAKHTIN, 1999).

Nesse sentido, “pela mediação do outro é que a lógica da escrita começa também a ser elaborada. As crianças pedem a adultos (ou a crianças mais velhas) que escrevam ou leiam para elas.” (FONTANA e CRUZ, 1997, p. 183). Para as crianças em processo de alfabetização, assim como para Pedro, as relações vividas na escola e na sala de aula se tornam relevantes, senão prioridade, pois é o espaço em que as mediações acontecem, e que ao mesmo tempo se constituem, como forma de aprendizagem e desenvolvimento no qual o outro é o mediador fundante dessas elaborações. Nesse caso, Pedro, o menino que já fracassou um dia, está aprendendo a “ver”, produzindo sentidos para as atividades de leitura e escrita vividas na escola, pela mediação sistemática da professora. Essa experiência nos permite afirmar que, ainda que em contexto adverso, o sujeito apropria-se da leitura e escrita quando realizado um trabalho intencional, de modo sistemático, próprio do espaço escolar.

Diante do exposto, consideramos que quanto maior for a preocupação com o orgânico, menor será o espaço para discussões acerca das práticas de ensino. Menor será o espaço para a compreensão do que vêm sendo a aprendizagem escolar e novas possibilidades de metodologia. Sem olharmos o contexto mais amplo que as crianças estão inseridas e não somente a sala de aula, estamos fadados a culpar a própria criança por seu insucesso escolar.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

COLLARES, C. A. L; MOYSÉS, M. A. A. O lado escuro da dislexia e do TDAH. In: FACCI, M. G. D.; MEIRA, M. E. M.; TULESKI, S. C. (Org.) *A exclusão dos incluídos: uma crítica da psicologia da educação à patologização e medicalização dos processos educativos*. Maringá: EDUEM, 2011.

FONTANA, Roseli. CRUZ. Nazaré. *Psicologia e trabalho pedagógico*. São Paulo: Atual, 1997.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Alfabetização no Brasil: uma história de sua história*. São Paulo: Cultura Acadêmica, Marília, 2011.

SAVIANI, Dermerval. *Escola de Democracia: Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política*. 36. ed. Campinas, SP: Autores associados, 2006. (Coleção Polemicas dos nosso tempo; vol. 05).

SMOLKA. Ana Luiza Bustamante. *A criança na fase inicial da escrita – A alfabetização como processo discursivo*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SMOLKA. Ana Luiza Bustamante. *A criança na fase inicial da escrita – A alfabetização como processo discursivo*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.